

**Fotografia e Covid 19:
desinformação e negacionismo em Salvador-BA**

*Photography and Covid 19:
misinformation and denialism in Salvador-BA*

Adriano Charles Silva CRUZ¹
Nínive Luara de Araújo PAIVA²

Resumo

Este artigo tem como objetivo analisar imagens de um protesto político contra medidas governamentais de mitigação da pandemia da Covid 19, em Salvador, em 2021. Trata-se de um estudo de caso das imagens produzidas pelo fotojornalista Felipe Iruatã e publicadas na imprensa e no perfil do Instagram. A partir de uma análise iconográfica e iconológica (PANOFSKY, 2011; AVANCINI, 2011), discutimos os efeitos de sentidos dessas imagens a partir do contexto de necropolítica (MBEMBE, 2018) e desinformação. A pesquisa concluiu que os sentidos imagéticos do nacionalismo foram construídos para demarcação ideológica dos manifestantes.

Palavra-chave: Fotojornalismo. Instagram. Nacionalismo. Necropolítica. Protesto político.

Abstract

This article aims to analyze images of a political protest against government measures to mitigate the Covid-19 pandemic, in Salvador, in 2021. This is a case study of images produced by photojournalist Felipe Iruatã published in the press and on his Instagram profile. From an iconographic and iconological analysis (PANOFSKY, 2011; AVANCI, 2011), we discuss the meaning effects of these images from the context of necropolitics (MBEMBE, 2018) and misinformation. The research concluded that the imagetic meanings of nationalism were built to mark the ideology of the protesters.

Keywords: Photojournalism. Instagram. Nationalism. Necropolitics. Political protest.

¹ Professor Doutor do Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia da UFRN.
E-mail: adrianocruzufrn@gmail.com

² Aluna especial do Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia da UFRN. Graduada em Jornalismo pela mesma instituição. E-mail: ninevepaiva@gmail.com

Introdução

Este trabalho tem como objetivo analisar as narrativas produzidas pelo fotógrafo Felipe Iruatã sobre manifestações contrárias às medidas protetivas contra a pandemia da Covid-19, em Salvador (BA). O fotojornalista publicou uma série de dez imagens em sua conta pessoal pela plataforma do Instagram sobre os protestos realizados no dia 21 de abril de 2021. Analisaremos essas fotografias a partir das dimensões iconológicas e iconográficas propostas por Avancini (2011). O fotógrafo colabora com os veículos de comunicação mais importantes da cidade, por isso, suas imagens trafegam nas redes sociais e também nos veículos oficiais da imprensa soteropolitana.

Em março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou que a doença respiratória Covid-19 tornava-se uma pandemia, ou seja, ganhava proporções mundiais. Do primeiro caso noticiado, na China, em novembro de 2019, até àquela data, o vírus respiratório tinha aumentado 13 vezes fora daquele país e se espalhado pelos cinco continentes.

A Covid-19 é uma doença infecciosa causada pelo coronavírus SARS-CoV-2 que provoca febre, cansaço e tosse seca, entre outros sintomas. O contágio se dá especialmente pela proximidade com a pessoa infectada, por meio de gotículas respiratórias, provocadas por tosse ou espirros. Assim, para evitar a propagação, governantes estabeleceram medidas de isolamento social e de restrições das atividades presenciais não essenciais à economia. Conhecida como o “novo coronavírus”, a doença vitimou mais de 621 mil pessoas no Brasil até janeiro de 2022.

O pressuposto teórico que sustenta a nossa análise se alicerça na formulação de Achille Mbembe (2018) sobre a necropolítica, a maneira como os governos administram a morte dos seus cidadãos, por meio de dispositivos e tecnologias. Em entrevista à *Folha de S. Paulo*, em março de 2020, o filósofo sustentou a tese de que o coronavírus mudaria a forma como pensamos o nosso corpo, por sua capacidade de aniquilar outros corpos por meio da transmissão da doença: "Agora todos temos o poder de matar. O isolamento é justamente uma forma de regular esse poder" (FOLHA DE SÃO PAULO, 2022).

No contexto brasileiro, aconteceu um processo de negligência por parte do governo federal que sustentou um discurso negacionista à informação científica. O presidente da República se opôs ao uso de máscaras, ao distanciamento social e defendeu o tratamento “precoce”, por meio de medicamentos ineficazes e sem respaldo científico

(G1, 2021).

Desde o início da pandemia, diversos lugares no mundo fecharam estabelecimentos e fronteiras, mantendo controle sobre aglomerações. A iniciativa gerou diferentes interpretações e foi construída discursivamente de maneira diversa a partir dos posicionamentos ideológicos. Esse acontecimento político foi um dos primeiros a gerar manifestações contrárias e desinformação, também conhecida como *fake news*.

Em março de 2020, quando estudos apontavam para uma onda de Covid-19, muitos estados e cidades brasileiras anunciaram novas medidas para evitar a circulação de pessoas. As previsões foram confirmadas: segundo o Ministério da Saúde, de cada cinco pessoas que morreram em decorrência da doença no Brasil, uma perdeu a vida em março de 2021 (CNN, 2021). Contudo, muitas pessoas se mostraram contrárias às medidas de gestão da pandemia, ancoradas no discurso negacionista do Presidente Jair Bolsonaro (PL -RJ).

Segundo Oliveira (2020), os protestos eram sustentados por quatro elementos: o negacionismo sobre a gravidade da pandemia e mesmo sobre a sua existência; a recusa a manter medidas não farmacológicas de proteção ao vírus (distanciamento, higiene das mãos e uso de máscaras); a oposição sistemática do presidente da República contra as medidas dos estados e as dificuldades econômicas de parte da população, subempregada ou informal, que continuou trabalhando para garantir a sua subsistência. Poderíamos acrescentar o apoio de parte da classe dominante (empresariado, industriais e agronegócio) para manter a produção econômica sem interrupções.

Na capital baiana, protestos no dia 21 de março de 2021 demonstraram o desagrado de uma parte da população acerca das restrições estabelecidas no início do mês e prorrogadas até o dia 29 de março daquele ano. Naquele momento, além das manifestações em apoio às ideias negacionistas, os manifestantes exibiam cartazes com acenos às notícias falsas. Esse acontecimento foi registrado pelo fotojornalista e as imagens revelam efeitos de sentidos de disputa discursiva e de polarização política.

É importante ressaltar que Salvador(BA) é a capital em que as assimetrias de classe se destacam. Em 2018, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (IBGE, 2022), 82,1% da população se declarou ser preta ou parda, ao mesmo tempo a desigualdade econômica atingia justamente essa população, um trabalhador de cor preta ganhava em média R\$ 1.319, pouco mais da metade (54,3%) que um trabalhador que se declarava branco (R\$ 2.432).

Disputa política e o enquadramento negacionista

A onda de espalhamento de desinformação (infodemia) é potencializada pela atmosfera de conflito político-ideológico que se acentuou no Brasil, a partir da reeleição da ex-presidenta Dilma Rousseff (PT-MG), em 2014, e do fortalecimento da extrema-direita com a eleição de Jair Bolsonaro (PL - RJ), em 2018.

Em 17 de abril de 2016, com 367 votos, a Câmara dos Deputados aprovou a abertura do processo de afastamento da presidenta da República, depois de três dias de sessão, sob a acusação de “pedaladas fiscais”. Em 12 de maio de 2016, o Senado Federal decide afastar provisoriamente Dilma. Assumia, então, o vice-presidente, Michel Temer (MDB-SP).

A sociedade brasileira, passou a vivenciar cenas de intensa disputa entre os grupos, em um acentuado clima de disputa, conforme destaca Schwarcz (2019: 217), “o certo é que desde o impeachment da presidente Dilma Rousseff, em 2016, destampou-se o caldeirão dos ressentimentos que desaguou numa política de ódios e polarizações”.

Representante da extrema direita com um discurso “misógino, homofóbico e racista” (EL PAÍS, 2019), Bolsonaro foi eleito em 2018. Segundo Miguel (2018), há três pilares que dão sustentação à extrema-direita bolsonarista: o libertarianismo, o fundamentalismo religioso e o anticomunismo. O primeiro se ancora no aprofundamento das práticas neoliberalizantes, representadas pela política do Ministro da Economia, Paulo Guedes. A face mais visível do fundamentalismo neopentecostal se revela na defesa dos valores da família tradicional (heteronormatividade e branquitude). Por fim, ainda segundo o autor, o terceiro eixo se atualiza no temor do “bolivarianismo” venezuelano.

Poderíamos acrescentar a essas posições ideológicas, o apelo ao ideal nacionalista presentificado pelo uso das cores “verde e amarela” e pelo lema do atual governo “Pátria Amada Brasil”, trecho extraído diretamente do Hino Nacional. Desse modo, o hiper-nacionalismo, segundo Chauí (2000, p. 4), apaga as contradições de raça e classe e as desigualdades econômicas a fim de construir a crença de que o país é “um dom de Deus e da Natureza”; tem um povo pacífico, ordeiro/generoso, alegre e sensual, mesmo quando sofredor”.

Além desses aspectos nacionalista, o governo bolsonaro adotou uma postura anticientificista no combate à pandemia. Em 2020, o próprio presidente promoveu uma

campanha pública favorável a medicamentos (Cloroquina e Ivermectina) para tratamento precoce sem respaldo da ciência.

Recuero (2021, p. 15), ao estudar a rede social *Twitter*, identificou que a desinformação sobre a Hidroxicloroquina como fármaco para a “cura” da Covid-19, se alicerçava justamente no partidarismo da extrema-direita brasileira.

Em outubro de 2021, a CPI da Covid-19 conclui o relatório final que imputou ao presidente da República³ nove crimes cometidos durante a gestão da pandemia: epidemia, crimes contra a humanidade, infração de medidas sanitárias, incitação ao crime, emprego irregular de verba pública, charlatanismo, prevaricação, falsificação de documentos particulares e crime de responsabilidade, porém o documento foi recebido com desdém pelo político (EL PAÍS, 2021).

O Brasil terminou o terceiro mês de 2021 com o dia mais letal de toda a pandemia do coronavírus: 3.950 mortes em decorrência da doença (PORTO; AUGUSTO, 2021). Com números aumentando, muitos estados e cidades brasileiras estabeleceram novas séries de medidas restritivas em março daquele ano.

Desinformação, necropolítica e covid-19

Em muitos casos, as *fake news* aparecem atreladas à política, mas não à toa; conforme sublinha Wardle (2017), o termo “notícias falsas” começou a ser apropriado por políticos de todo o mundo para descrever organizações de notícias cuja cobertura eles consideram desagradável.

Não é coincidência que a crise sanitária no Brasil tenha sido percebida nas redes sociais como um tema político-partidário e não uma questão médico-sanitária, como aponta Recuero (2021, p. 13): “o enquadramento político fez com que a discussão sobre pandemia entrasse em um contexto de polarização e de bolhas ideológicas, ou seja, da presença de grupos onde apenas certos conteúdos que estão alinhados ideologicamente circulam”.

Para Pinheiro (2019, p. 88) “fake news são a mentira intencional a serviço de alguma causa”. Essa causa, por vezes, se associa aos reforços de posicionamentos ideológicos. As pessoas reforçam suas crenças ao buscar informações – ainda que

³ A Comissão Parlamentar de Inquérito, instaurada em 13 de abril de 2021, apontou também os crimes de apoiadores e integrantes do governo Bolsonaro.

inverídicas – que confirmem suas posições ideológicas (D’ANCONA, 2018). .

Em um estudo empírico sobre os primeiros seis meses da Covid-19 no país, De Barcelos (2021 et. al.), em conjunto com outros pesquisadores, encontrou um maior número de notícias falsas sobre número de casos, óbitos, sobre prevenção e tratamento da doença.

O bolsonarismo inicialmente tentou minimizar os efeitos da Covid-19 declarando que se tratava de uma “gripezinha”, em seguida, criou a dicotomia entre quarentena x economia. Em síntese, conforme apontam Duarte e César (2020), o governo temia que a parada do setor produtivo prejudicasse a economia brasileira e seu consequente projeto de reeleição presidencial.

Para Bensusan (2020), a pandemia mostrou como a morte foi utilizada como jogo político e cálculo econômico pelo bolsonarismo, uma vez que, ao ser confrontado com o número de vítimas, responde com desprezo e desdém.

Reis (2022) acrescenta outras ações necropolíticas perpetradas pelo governo Bolsonaro: a recusa de fornecer água potável aos povos indígenas; a defesa do isolamento vertical; a negligência na crise dos respiradores e do oxigênio na região Norte e, especialmente, a defesa da imunidade de rebanho. Nas palavras do presidente: “O que há de errado é a histeria, como se fosse o fim do mundo. Uma nação como o Brasil só será livre quando um certo número de pessoas se infectar e criar anticorpos”. (PODER 360, 2020).

O discurso bolsonarista não está isolado, uma vez que jogo político com a morte se insere em um contexto mais amplo de desvalorização das vidas “não brancas”. Mbembe (2018) desenvolve a noção de necropolítica tomando como pressuposto a ideia de que a soberania consiste na capacidade de instituir o controle sobre a vida e a morte, conforme ocorreu nos casos do *apartheid* da África do Sul ou na situação atual da Palestina..

A partir da leitura foucaultiana, Mbembe (2018, p. 123) parte do pressuposto de que os conceitos de biopoder e de biopolítica não são suficientes para explicar a lógica contemporânea da política. É preciso considerar o “trabalho da morte” como forma de governar: “A expressão máxima da soberania reside no poder e na capacidade de decidir quem pode viver e quem pode morrer”.

Costa (2020) exemplifica como se constituem essas máquinas de guerra, apontando que elas podem ser formadas a partir da burocracia, por meio de um “aparato

assassino institucionalizado e legalizado” que negligencia a gestão pública. Essa negligência, segundo o autor, deixa pessoas expostas a grupos milicianos ou de crime organizado, não atua para prevenir doenças ou promover saúde, além de não promover políticas públicas para grupos vulnerabilizados, como mulheres, negros, indígenas, comunidades LGBT, idosos, entre outros. Costa (2020, p. 42) também defende que a necropolítica pode ser operacionalizada também por meio da “difusão de informações falsas, de maneira formal através de órgãos oficiais ou informalmente pelas mídias sociais, com o intuito de induzir a população a comportamentos de risco”.

Em junho de 2021, mês em que o Brasil ultrapassou a marca de 500 mil mortes decorrentes da pandemia, estudo da ONG Artigo 19 demonstrou um exemplo prático da necropolítica ao concluir que a divulgação de informações inconsistentes e *fake news* nos canais oficiais do governo brasileiro resultaram na ampliação da contaminação e no número de mortes pelo coronavírus. O estudo mostrou que 35% das 20 respostas do Ministério da Saúde, obtidas via Lei de Acesso à Informação (LAI), sobre temas relacionados à pandemia são classificadas como “informação desonesta” e outros 25% são descritos como “desinformação intencional”. (PORTELA, 2021).

Com relação ao perfil das mortes, são exatamente os grupos mais vulnerabilizados socialmente que estão no topo dessa lista. No Brasil, em razão do racismo estrutural, fatores sociais como a dificuldade de acesso à saúde, a necessidade de trabalhar presencialmente e a precariedade do transporte público levam a maiores taxas de contato com o vírus.

De acordo com Bernardes (2021), a população com maior vulnerabilidade epidêmica estava em bairros do subúrbio de Salvador, ocupados pela classe média baixa, onde reside uma população predominantemente negra e pobre. Essas áreas se apresentaram como deficientes em infraestrutura e com habitação precária.

Em março de 2021, período em que as imagens analisadas neste trabalho foram registradas, a Bahia, assim como todo o Brasil, passava por mais um período extremamente crítico. Em 3 de março, um dia após a decisão da prorrogação de decreto que determinava medidas restritivas de circulação, o estado contabilizou quase 6 mil novos casos da doença em apenas 24h (G1 BA, 2021) Entre as medidas restritivas, estavam o toque de recolher das 19h às 5h, interdição de praias aos finais de semana e fechamento de lojas, shoppings e centros comerciais.

Percurso teórico-metodológico

Esta pesquisa, de caráter qualitativo, tem uma abordagem descritivo-analítica (GIL, 1999) das imagens fotográficas publicadas no Instagram.

Essa rede é uma das mais populares para o compartilhamento das imagens, fotografias e vídeos curtos. Nela, os usuários podem compartilhar imagens no *feed* que permanecem na conta do usuário ou nos *stories* que tem duração de 24 horas. Cada imagem ou conjunto de até dez imagens pode ser comentado⁴, curtido e até compartilhado, se o usuário permitir tais ações. Também é possível adicionar legendas e *hashtags*.

Em razão das limitações inerentes, o corpus empírico é composto pelas cinco primeiras imagens publicadas na postagem do *feed* do dia 21 de abril de 2021 em @felipe.iruata.

As análises têm como fundamento epistemológico os trabalhos do historiador e crítico de arte Erwin Panofsky (1892-1968), sobre Iconografia, estudos do tema ou assunto, e Iconologia, estudo da interpretação das significações.

Partindo do pressuposto que as narrativas fotográficas são construídas por operações de seleção, apagamento e ênfase a partir de posições ideológicas dos fotógrafos, utilizaremos as apropriações e as configurações metodológicas aplicadas ao fotojornalismo propostas por Avancini (2011). Dessa forma, consideramos três passos metodológicos: descrição, análise cultural e interpretação.

Em primeiro lugar, descrevemos a narrativa de como as imagens foram compostas, considerando os seus aspectos plástico-formais, ângulos, enquadramento, cores, linhas. Considerando que “deve haver nesta leitura imagética a preocupação com o detalhe para varrer (como o *scanner*) o máximo de informação possível” (AVANCINI, 2011, p. 54).

Em seguida, analisamos o contexto imediato em que foi produzida e onde circula a imagem. Consideramos autoria, lugar de publicação, data, legendas, como indicadores. Conforme nos recorda Avancini (2007, p. 54) é preciso colocar em foco “as relações que se colocam em movimento diante do reconhecimento descritivo”.

⁴ Para efeitos de análise, desconsideramos os comentários dos usuários.

Dessa forma, promovemos o gesto interpretativo, evidenciando a produção de sentidos intrínsecos às imagens que deve considerar as condições históricas e ideológicas que as permeiam.

Análise das fotografias

Em Salvador (BA), após a renovação de decretos municipal e estadual que estabeleciam medidas restritivas até 29 de março de 2021, manifestantes foram às ruas para protestar. O momento foi registrado pelo fotojornalista Felipe Iruatã que, através da linguagem fotográfica, trouxe diferentes representações daquele momento.

Figura 1 – Fotografia da manifestação 1



Fonte: <https://www.instagram.com/felipe.iruata/>

Na primeira imagem, apenas um manifestante é enquadrado em plano médio. O homem veste camisa azul com logo da CBF e chapéu da mesma cor. Ainda, utiliza uma máscara com a estampa da bandeira e segura outra com as mãos. O ângulo da foto, tirada de baixo para cima, aumenta o tamanho da bandeira, em maior massa de composição, cobrindo boa parte do quadro. Ao fundo, visualizamos partes de alguns prédios.

Na análise cultural, a investigação permite por meio da legenda, transcrita abaixo, identificar que todas as fotos foram realizadas na capital baiana por um único fotógrafo e que os manifestantes se alinhavam a pautas contrárias às medidas protetivas instauradas pelas autoridades locais.

Neste domingo (21) manifestantes vão às ruas para protestar contra as medidas restritivas decretadas pelo Governador do Estado Rui Costa e o Prefeito de Salvador Bruno Reis. Entre as palavras de ordem, o grupo era contra o *lockdown* e defendia o tratamento precoce na pandemia de Coronavírus que aumenta na Bahia e em Salvador. (IRUATÃ, 2020).

Nesta parte interpretativa, é possível elencar a retomada dos sentidos de brasilidade presente nos símbolos da bandeira e da camisa da seleção utilizados nos protestos a favor do *impeachment* de Dilma Rousseff (2016) e como slogan da campanha presidencial de Bolsonaro (2018): “Brasil acima de tudo. Deus acima de todos.” Veremos que tais sentidos serão mobilizados nas próximas imagens.

Figura 2 – Fotografia da manifestação 2



Fonte: <https://www.instagram.com/felipe.iruata/>

Em primeiro plano, à esquerda, aparece uma mulher com rosto parcialmente coberto por uma pequena bandeira à mão que usa também uma camisa de cor verde. À direita, há um homem idoso com camisa da Seleção Brasileira, máscara, óculos e chapéu, também enquadrado em plano médio. Entre os dois personagens, um homem ergue a mão em punho. Conseguimos ler dois cartazes, em cartolina, onde está escrito: " Não à ditadura!!" e parcialmente outro cartaz: "Não ao lockdown!!!!"

Os dois primeiros personagens que aparecem na foto estão utilizando máscaras bem ajustadas ao rosto. Já o terceiro, que apresenta o punho cerrado um pouco mais atrás, possui uma máscara encaixada nas duas orelhas, porém abaixo do nariz e boca. Pela expressão da boca, é possível entender que ele está proferindo palavras de protesto.

As informações da legenda nos permitem depreender a localização e a autoria, bem como identificar os adversários que os manifestantes disputam. É preciso recordar

que o prefeito de Salvador integrava um partido (DEM) que formalmente se colocava como independente ao bolsonarismo.

A escolha do enquadramento permite-nos construir a ideia de que há um grupo que, a partir de sua linguagem corporal, está em marcha e se coloca em disputa: a mão em riste é um dos signos culturais de luta política, bem como, os cartazes ao alto. Todavia, não é possível identificarmos a quantidade de manifestantes. Dessa forma, constrói-se o sentido de que tais pautas negacionistas são coletivas, embora de número impreciso. Também é importante observar que há aqueles que não se identificam completamente com o discurso negacionista ao, como no caso em tela, usar máscaras em locais públicos.

Figura 3 – Fotografia da manifestação 3



Fonte: <https://www.instagram.com/felipe.iruata/>

Ao contrário da foto anterior, aqui temos a predominância de um único sujeito no quadro. Em plano médio, o fotógrafo isola a personagem dos outros manifestantes e a enquadra de um ângulo de baixo para cima. Com três bandeiras em cena: uma à mão, outra na máscara de proteção e outra no último plano.

Podemos afirmar que o ângulo e a parcial profundidade de campo, em contraste com o azul do céu, reforçam a presença das cores brasileiras nas bandeiras. A personagem da foto é uma mulher de cabelos brancos. Ela veste uma camisa amarela e óculos escuros, possui a pele clara e aparenta estar entre a meia e a terceira idade..

No nível da interpretação, podemos considerar que o fotógrafo mostra os protestos como oriundos especialmente das camadas médias urbanas de Salvador, uma vez que não se identificam símbolos da periferia ou da negritude, marcantes na cidade. Esses sentidos serão retomados na imagem seguinte.

Figura 4 – Fotografia da manifestação 4



Fonte: <https://www.instagram.com/felipe.iruata/>

Na imagem 4, outro personagem masculino, também em plano médio, veste a bandeira como uma capa. Ela aparece também em metade da máscara que o homem utiliza, na outra está a figura de Jair Bolsonaro com seu nome abaixo. De óculos escuro, o homem branco aponta a adesivo, que aparentemente está colado na porta de um carro com a frase: “#TRABALHOÉVIDA”, em caixa alta. A fotografia é produzida com profundidade de campo que permite identificar parte de dois prédios, em segundo plano.

A resolução da imagem não deixa claro, mas é possível observar elementos que possivelmente são bandeiras do Brasil estendidas nas sacadas de um dos prédios que aparece ao fundo da imagem. De maneira legível, aparece na imagem uma bandeira acoplada à janela do carro para onde o homem aponta. Em diversos lugares do Brasil, é comum ver essas representações nacionalistas em locais ocupados predominantemente pela classe média.

A prevalência das bandeiras e suas cores, remetem-nos aos signos ideológicos do patriotismo, apropriados pela direita a partir das manifestações de Julho de 2013. Essa apropriação de emblemas nacionais é uma prática recorrente dos movimentos conservadores, a exemplo do que acontece em países como a Suíça, Hungria e Espanha. Em todas as imagens esse símbolo iconográfico se mantém.

Figura 5 – Fotografia da manifestação 5



Fonte: <https://www.instagram.com/felipe.iruata/>

Na última foto, há dois personagens em destaque, à esquerda um homem negro de óculos e sem máscara segura uma caixa do parasitário Ivermectina e a bandeira do Brasil. À direita, vemos apenas parcialmente os olhos e a cabeça de um homem que usa um boné e levanta um cartaz com a inscrição “Lockdown MATA”.

A ivermectina foi outro medicamento citado por Bolsonaro e outros governantes como remédio para tratamento precoce da Covid-19 (CNN BRASIL, 2021). Todavia, a exemplo da Cloroquina, nenhum dos medicamentos apresentou eficácia comprovada contra o coronavírus. O remédio é um antiparasitário prescrito para o tratamento de doenças como elefantíase, sarna e infestação de piolhos. Contudo, o presidente da República continuava a defendê-los como forma de prevenção e, por outro lado, descredibilizava as vacinas aprovadas pelos órgãos sanitários.

O mecanismo do *lockdown* foi usado em algumas partes do mundo como medida mais restritiva de circulação de pessoas para o controle da pandemia. Foi pouco usado no Brasil, que adotou medidas mais brandas de restrição de pessoas. Houve, ainda, incentivo ao teletrabalho e a regime de escalonamento nos serviços.

Considerações finais

Com base na análise das imagens de protesto contra medidas governamentais de mitigação da pandemia da Covid-19, que ocorreu no dia 21 de março de 2021, na cidade de Salvador, capital da Bahia, constatou-se um momento de polarização política vivenciado em todo o país, graças a oposição entre o governo federal e os estaduais e municipais na gestão da pandemia.

As imagens demonstraram que uma parcela da população se posicionou parcialmente contrária às medidas de prevenção não farmacológica à pandemia (o paradoxo é que algumas delas aparecem usando máscaras de tecido). Evocando a memória da brasilidade, os manifestantes construíram sentidos de nacionalismo. A bandeira e as cores verde e amarela serviram como elementos de identidade e de pertencimento ideológico à direita.

Trabalhos futuros podem responder a algumas questões: que parte da população soteropolitana foi contra as medidas protetivas? Que posicionamentos discursivos sustentavam para isso? Qual o papel da ideologia neoliberal na conformação de protesto como aquele?

Constatamos como a desinformação influenciou a opinião pública e foi utilizada pelo governo brasileiro como um elemento necropolítico. O desestímulo aos dispositivos de controle (quarentena e distanciamento social) e o processo de descredibilização das tecnologias médico-científicas (pesquisas e vacinas), nos estágios iniciais da pandemia, aprofundaram a política de morte.

Em parte, os manifestantes corroboravam com o discurso presidencial que, desde a chegada do coronavírus no Brasil, minimizou os impactos da doença e não estabeleceu medidas governamentais que de fato protegessem a população. “Obviamente, temos uma crise agora, uma pequena crise. Na minha opinião, muito mais fantasia. a questão do coronavírus, que não é tudo que a grande mídia espalha ou divulga pelo mundo” (G1 A, 2020).

Bolsonaro criou uma máquina de espalhamento da desinformação e, como resultado, o país somou mais de 600 mil mortes decorrentes da Covid-19 em julho de 2021 e afetou, principalmente, os perfis mais vulneráveis da sociedade: trabalhadores, idosos e populações pretas e pobres.

A negligência do governo federal afetou a sociedade por completo e o negacionismo impulsionou a dificuldade dos governos estaduais em estabelecer medidas para mitigar os riscos da pandemia. Em meio a essa história, o fotojornalismo pode ser utilizado como forma não-verbal de narrar os acontecimentos históricos. A análise da linguagem iconográfica e iconológica permitiu vislumbrar um movimento nacionalista, de resistência à ciência, graças ao poder da desinformação e do fortalecimento das bolhas ideológicas da extrema-direita, em uma cidade de contrastes e desigualdades.

Referências

AVANCINI, Atílio. A imagem fotográfica do cotidiano: significado e informação no jornalismo. **Brazilian Journalism Research** (SBPJor), v.7, n.1, 2011.

BENSUSAN, Hilan. "E daí? Todo mundo morre": a morte depois da pandemia e a banalidade da necropolítica. **#PandemiaCrítica**, N-1 Edições, on-line, n. 105, jun. 2020.

BERNARDES, Kionna et al. Índice de vulnerabilidade epidêmica e a epidemia de COVID-19 no município de Salvador-Bahia. In: UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. Nota Técnica. Ago., 2021. Disponível em: <http://www.isc.ufba.br/wp-content/uploads/2021/08/Nota-Tecnica-%E2%80%93-Indice-de-Vulnerabilidade-Epidemica-e-a-epidemia-de-COVID-19-no-municipio-de-Salvador-Bahia.pdf> Acesso em: 31 jan. 2022.

CNN. 1 a cada 5 brasileiros vítimas da Covid-19 morreu em março de 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/1-a-cada-5-brasileiros-vitima-da-covid-19-morreu-em-marco-de-2021/> > . Acesso em: 9 nov. 2021.

CNN BRASIL. Bolsonaro defende hidroxicloroquina e ivermectina após críticas na CPI. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/2021/05/08/bolsonaro-defende-hidroxicloroquina-e-ivermectina-apos-criticas-na-cpi> > . Acesso em: 9 fev. 2022.

G1. Bolsonaro insiste em tratamento precoce sem comprovação contra a COVID. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/01/15/bolsonaro-insiste-em-tratamento-precoce-sem-comprovacao-contra-a-covid-estudos-mostram-que-nao-ha-prevencao-contra-a-doenca-com-ajuda-de-medicamentos.ghtml> . Acesso em: 24 jul. 2021.

G1 BA. Boletim registra mais de 21 mil casos ativos de Covid-19 na Bahia; 111 óbitos são contabilizados. Disponível em: <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2021/03/04/boletim-registra-mais-de-21-mil-casos-ativos-de-covid-19-na-bahia-111-obitos-sao-contabilizados.ghtml>. Acesso em: 21 nov. 2021.

CHAUI, Marilena de Souza. **Brasil**: mito fundador e sociedade autoritária. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

COSTA, Breno Augusto da. O conceito de necropolítica e a pandemia COVID-19: algumas notas sobre a realidade brasileira. **REBELA**, Florianópolis, v.10, n. 1, p. 32-65, jan./abr. 2020.

D'ANCONA, Matthew. **Pós-verdade**: a nova guerra contra os fatos em tempos de fake news. Barueri: Faro Editorial, 2018.

DE BARCELOS, T. DO N. et al. Análise de fake news veiculadas durante a pandemia

de COVID-19 no Brasil. **Revista panamericana de salud publica [Pan American journal of public health]**, v. 45, p. e65, 2021

DUARTE, André; CÉSAR, Maria. Negação da Política e Negacionismo como Política: pandemia e democracia. *Educação & Realidade. Educ. Real.* v. 45, n 4. Porto Alegre, 2020. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/edreal/a/DsjZ343HBXtdVySJcgmX3VS/?format=pdf&lang=pt>
Acesso em: 30 jan. 2022.

EL PAÍS. Relatório final da CPI da pandemia. Disponível em:
<https://brasil.elpais.com/brasil/2021-10-20/o-coro-demoniaco-de-bolsonaro-durante-a-pandemia-se-traduz-em-nove-crimes-ou-68-anos-de-prisao.html> . Acesso em: 23 out. 2021.

FOLHA DE S. PAULO. Pandemia democratizou poder de mater, diz autor da teoria da necropolítica. Disponível em:
<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/03/pandemia-democratizou-poder-de-matar-diz-autor-da-teoria-da-necropolitica.shtml?origin=folha>. Acesso em: 28 junho 2022.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

OLIVEIRA, Leandro V. Biopolítica na epidemia de Covid-19 no Brasil (2020). **Sæculum: Revista de História**, v. 25, n. 43, p. 21–42, 18 nov. 2020.

PANOFSKY, Erwin. **Significado nas artes visuais**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica** . 3. ed. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MIGUEL, Luis Felipe. A reemergência da direita brasileira. In: Gallego, Ester (Org.). **O ódio como política**. São Paulo: Boitempo, 2018.

IBGE. Pnda Contínua. Disponível
<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/educacao/17270-pnad-continua.html?=&t=resultados> Acesso em: 19 dez. 2021.

PINHEIRO, Joel. Fake news e o futuro da nossa civilização. In: BARBOSA, Mariana (Org.). **Pós-verdade e fake news**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. p. 87 - 95.

PODER 360. Bolsonaro diz haver ‘histeria’ com coronavírus. PODER 360, 18 mar. 2020b. Disponível em:<https://www.poder360.com.br/governo/bolsonaro-diz-haver-histeria-com-coronavirus/> / Acesso em: 09/03/2022.

PORTELA, Júlia. Governo é a principal fonte de desinformação sobre COVID diz estudo. *Metrópole*, 25 jun. 2021. Disponível em:
<https://www.metropoles.com/brasil/governo-e-a-principal-fonte-de-desinformacao-sobre-covid-diz-estudo> .Acesso em: 21 jul. 2021.

PORTO, Douglas; AUGUSTO, Thais. Brasil encerra o pior mês da pandemia com novo recorde: 3.950 mortes em 24 h. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2021/03/31/covid-19-coronavirus-mortes-casos-31-de-marco.htm>. Acesso em: 9 fev. 2022.

RECUERO, Raquel. **Desinformação, mídia social e COVID-19 no Brasil**. Relatório, resultados e estratégias de combate. Pelotas: MIDIARS, 2021.

REIS, Aparecido Francisco dos. Da bio à necropolítica: a política de saúde, narrativas e ações do neoliberalismo do governo Bolsonaro e seus impactos junto aos idosos na pandemia de Covid-19. **Revista Katálisis**, v. 25, p. 392–403, 6 maio 2022.

SCHWARCZ, Lilia Mortiz. **Sobre o autoritarismo brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SOLANO, Esther. A bolsonarização do Brasil. In: **Democracia em risco?: 22 ensaios sobre o Brasil de hoje**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

WARDLE, Claire. **Information disorder**: Toward an interdisciplinary framework for research and policymaking. Council of Europe report. Strasbourg: Council of Europe, 2017.